

Em tempo real sem tempo para editar sem tempo para ler e sem tempo para voltar atrás. Foi escrito, foi escrito. O que se escreve, não se risca. Escreveu-se, escreveu-se. Ficou escrito para sempre. Ficou gravado para sempre. A escrita é isto. Não é outra coisa. É só isto. Pega-se na esferográfica e começa-se a escrever. Não se fica a olhar para o ar à espera de uma suposta inspiração com a caneta no ar. Simplesmente escreve-se. Escreve-se e pronto. Escreve-se o que se tem de escrever. Escreve-se o que tem de ficar escrito. Escreve-se o que tinha de ficar escrito. Depois com tempo, se o tempo deixar, acrescenta-se. No meio, no fim ou no início. Eu vou acrescentando se o tempo me deixar coisas que eu queria escrever no início, mas que não pude escrever. Não me deixaram. [07h02 14/01/2022]

1h57 7 de janeiro de 2022

Estou em tempo real. Estou a dançar russo. “Aprendi” uma nova língua. Não queria abrir já aspas. Mas tenho de abrir. Tenho de fazer o sinal de aspas. Quando era mais pequeno fazia muito o sinal de aspas com os dedos no ar. Mas a minha avó tirou-me o sinal. Porque disse-me que era o sinal do Diabo. Disse-me que quando fazemos aspas, estamos a fazer cornos. Mas não foi por isso que deixei de fazer aspas. A minha avó disse-me depois também que não era bem-educado fazer esse gesto no ar. A minha avó andou no chamado Colégio de Etiquetas em Moçambique. Era a negra privilegiada. Devia ter posto isto entre aspas. Mas neste tempo real em que não posso voltar atrás já não fui a tempo. A qualquer momento posso ter de parar de escrever por 3 razões: estou à espera do novo técnico da MEO para instalarmos Internet na nossa casa; estou à espera do primo F. que vem buscar as máscaras de Veneza; e estou à espera do D.K. que está a trabalhar no hospital e que quando chegar há de vir faminto e eu terei de parar tudo para pôr o nosso peixinho nas brasas do fogão. Combinámos que hoje o almoço ia ser peixe. Combinámos também, fizemos um pacto, que quando cozinhamos temos de pôr sempre o avental. Pendurámos o nosso bonito avental num prego logo à entrada. Ainda não temos bengaleiro. E a nossa cozinha é a nossa sala. Nem temos hall de entrada. Por isso, é ali mesmo o sítio do nosso avental. Já são 12h11. Tive de interromper o parágrafo para atender o técnico.

Já não estou mais a ouvir o russo que estava a ouvir. Mas quero voltar a ouvir. Também tive a dançar no primeiro parágrafo. Estou sempre a dançar. Gosto de escrever a dançar. Parece que tenho uma dança infinita, tal como a minha escrita. A minha dança nunca é igual. Como os meus pensamentos. Tenho sempre um novo pensamento. Crio sempre pensamento novo, ideias novas. Sou um idiota. No fundo é isso que eu sou. Sou um grandessíssimo idiota. Sou um grandessíssimo cabrão. Sou um grandessíssimo chibo. Porque gosto de me chibar todo através da minha escrita. Sinto-me um alarme. Pareço um alarme. Sinto-me o alarme de uma sociedade. De uma sofisticada sociedade que me conseguiu ligar a ela. E eu tenho de disparar. Neste momento, estou a disparar. O alarme está a tocar. O primo F. está a telefonar. Chegou. Vou ter de atender e parar de escrever. São 12h16. São 17h06. Num piscar de olhos o tempo voou. O tempo está sempre a voar. Já não tenho muito tempo. Consegui pôr o D.K. a dormir. Quando o Yuri saiu cá de casa, depois de nos ter instalado a antena parabólica e os cabos para a Internet, fomos, como sempre, namorar. Estamos sempre a namorar. Parece sempre o primeiro dia. Parece que vivemos uma magia. Não nos desapaixonamos. Não perdemos nunca a tusa. Nem as mudanças nos tiram a tusa.

[Continua... Parte do documentário-filme em construção...]

[Era para vir o Mauro instalar-nos a antena e a Internet. Reconheci logo o Mauro pela voz quando me telefonou. Conheci o Mauro no verão de 2020 na Praia dos Bodyboarders. Era amigo do São Valentim. Aparecia sempre com o seu telefone com 4 olhos ligado à Internet a apontar-me no meu posto de vigia de salva-vidas. Fazia rimas de Hip hop. Lançava-me amorosos versos de rap. Mas os meus ouvidos estavam fechados para o rap e para o hip hop. Fecharam-me os ouvidos para alguns estilos de música, para alguns estilos de vida, para algumas culturas, para alguns Gritos de Liberdade. Tive de sozinho, com a minha própria liberdade, abrir os meus ouvidos. Tive de descobrir. Na Praia dos Bodyboarders o Mauro contou-me que queria muito ser realizador. Quis mostrar-me o seu roteiro, o seu guião. Mas como eu também estava ainda a escrever o meu guião eu disse para ele não me mostrar. Disse-lhe para ele não mostrar a ninguém enquanto estava a escrever. Disse-lhe para ele primeiro registar. Disse-lhe que estávamos todos numa Corrida Invisível de Autores e Realizadores. Ele perguntou-me qual era o prémio. E eu respondi que o prémio era o Prémio IO da Jupiter Editions. Ele perguntou-me que prémio era esse. Eu disse-lhe para ele ir ao site da Jupiter Editions. Depois outro dia disse-me que queria ser o meu camara man. Eu disse-lhe que ele não podia ser o meu camara man, porque o meu camara man era o D. K., o meu namorado. Quando ele ouviu o nome do D. K. chegou-se um pouco para trás e disse-me que não sabia que eu tinha namorado, porque ninguém lhe tinha contado. Mas depois descobri que era peta, porque logo no primeiro dia o São Valentim contou-lhe que o D. K. era o meu namorado. Enfim... Um Jogo de Segredos, um Jogo de Informação, um Jogo Tranquilo da Sociedade de Informação. No Jogo de Sedução das Palavras, eu faço o meu próprio jogo. Não jogo o jogo dos outros. Faço o meu jogo e jogo o meu jogo. [17h12]

[11h08, 8 de janeiro de 2022] Tenho de escrever Outra Vez À Velocidade da Luz. Ontem o D.K. acordou e chamou-me logo “Baby... O que é que estás a fazer? Anda cá... Baby... Anda... Volta para a cama... Baby... Baby... Porque fugiste da cama? Baby... Tô cheio de tusa, [outra vez]... Anda para dentro da cama...” Lá tive de voltar para a cama. Quando saímos da cama, saímos de casa a correr para devolver um candeeiro que tínhamos comprado para podermos comprar uns candeeiros de lustre... Voltámos à loja dos móveis e à loja da bricolage... O cenário era o mesmo, mas as personagens mudaram um pouco... A professora estagiária de surf que eu conheci na Praia dos Bodyboarders não estava a trabalhar na loja... Já não era o turno dela... Quem estava de turno [11h18]

Publicado em 14/01/2021 em Jupiter Editions sem revisão, edição e carimbo www.jupitereditions.com Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala Raul Catulo Morais